

## Ruínas Urbanas

Mário César Coelho \*

### Resumo

Este texto enfatiza a questão da construção de um referencial de memória influenciada pelas mudanças de um ambiente cotidiano. Trata o tema das ruínas urbanas, usando alguns exemplos arquitetônicos no cenário de Florianópolis. A ponte Hercílio Luz em seu estado atual, interditada, é o caso mais importante. Mesmo em desuso continua sendo um grande elemento referencial urbano.

Unitermos: memória, urbano, ruínas, ponte Hercílio Luz

A cidade moderna possui um processo dinâmico em um constante construir e destruir, cuja linguagem básica ou discurso é o fragmento, a mistura de tempos e estilos. No espaço fragmentado e multifacetado da cidade, o indivíduo tem de estar constantemente se adaptando às novas mudanças. Nem sempre essas mudanças são assimiláveis. Podemos nos dar conta disso apenas observando, rememorando as transformações ocorridas em trajetos cotidianos.

Nos textos sobre memória social<sup>1</sup> é destacada a importância da influência do ambiente físico com a realidade existen-

\* Graduado em Arquitetura e Urbanismo pela UFSC em 1991. Professor do Dep. de Expressão Gráfica da UFSC. Ingressou no mestrado em 1995. Orientadora, Profa. Dra. Maria Bernardete Ramos Flores.

<sup>1</sup> Cf. HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, Ed. Rev. dos Tribunais, 1990, p. 132-7.  
BOSI, E. *Memória e sociedade: Lembranças de velhos*. São Paulo: T.A. Queiroz, EDUSP, 1987, p.370

cial dos indivíduos. O ambiente humano está relacionado com uma historicidade, uma cultura formada nos hábitos de uma comunidade, em lugares que levam as marcas do usuário, nas praças, nas ruas, no interior das casas. Na percepção do seu ambiente cotidiano, alguns habitantes podem se mostrar sensíveis ao desaparecimento de uma rua, um prédio, uma casa. Lugares que façam algum sentido.

Podemos construir ao longo do tempo uma memória de usos e representações. O sujeito que habita um lugar está, de certa forma, enraizado, impregnado de memórias. A memória é construída historicamente através das pessoas que falam, que escrevem nas construções, nos monumentos, nos museus, nos espaços cotidianos, nos lugares que habitam, numa lenta sedimentação. A cidade é fonte de inúmeras imagens sedimentadas em diversos níveis da nossa memória

Cada um de nós, em seus itinerários urbanos diários, deixa trabalhar a memória e a imaginação: anota as mínimas mudanças, a nova pintura de uma fachada, o novo letreiro de uma loja; curioso com as mudanças em andamento, olhará pelas frestas de um tapume para ver o que estão fazendo do outro lado; imagina e, portanto, de certa forma projeta, que aquele velho casebre será substituído por um edifício decente, que aquela rua demasiado estreita será alargada, que o trânsito será mais disciplinado ou até mesmo proibido naquele determinado ponto da cidade; lembra-se de como era aquela rua quando, menino, a percorria para ir à escola ou quando, mais tarde, por ela passeava com a namorada; ou o famoso incêndio, o crime de que falaram todos os jornais etc.<sup>2</sup>

Absorção distraída das paisagens pelas pessoas, hábitos de passageiros urbanos. A arquitetura como protótipo de uma obra de arte apreendida desatentamente.<sup>3</sup> Na percepção do

<sup>2</sup> ARGAN, G. *História da arte como história da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 232-3.

<sup>3</sup> BENJAMIN, W. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: *Magia e técnica, arte e política*, vol.1. São Paulo: Brasiliense, 1993, 5.ed.

ambiente é importante a forma de deslocamento. No transporte coletivo o roteiro já está previamente definido. Ao repetir as trajetórias de um destino ao outro adquirimos um hábito de leitura. É possível “localizar-se” mentalmente durante um trajeto, a partir da orientação das ruas, sinalizações, pontos de parada, fachadas, agrupamentos e vazios urbanos, etc. Imagens descontínuas e fragmentadas nos roteiros coletivos. Andando a pé nosso contato com a paisagem, com as pessoas, é maior. O carro já determina uma outra visão a partir do momento em que possibilita uma maior velocidade no deslocamento e alteração de trajetos.

O espaço contemporâneo, dentro da realidade florianopolitana, caracteriza-se por um constante processo de fazer e refazer. Uma dialética entre um processo destruidor e construtivo. Neste processo urbano parece não ter grande importância a conservação de uma cultura arquitetônica, fundada na memória de seus habitantes. Na discussão da preservação do patrimônio cultural arquitetônico, discutem-se apenas os casos especiais, salvos em uma demolição geral.

O discurso da preservação da memória urbana normalmente é feito somente a partir dos lugares que são considerados como de valor, que “merecem” registro, ou mesmo tombamento. Nem sempre podemos questionar: a memória social é coletivamente apreendida pela população? As pessoas têm acesso à informação histórico-cultural – possibilitando uma postura crítica, sobretudo no que se refere às apropriações de lugares? Ouvir a opinião, registrar processos de destruição, documentar através de fotografias, projetos históricos, é dar importância ao cidadão – mesmo nos casos em que as mudanças sejam um fato consumado, uma medida irremediável.

Mas o que tem valor? Responde-se, em geral: valor estético ou valor histórico, ou um ou outro juntos. A resposta parece óbvia. No entan-

to, não é, e nem mesmo é certa, tanto assim que inúmeras coisas foram destruídas no passado, como não tendo valor histórico-estético, e que hoje lamentamos a perda de incomparáveis valores histórico-estéticos.<sup>4</sup>

Na cidade, o indivíduo tem de estar constantemente se adaptando às novas mudanças. O lugar da cidade é um lugar em transformação. A resistência às mudanças nos trajetos cotidianos pode ser maior no caso da *importância* da edificação ou monumento. Lugares desaparecidos muitas vezes podem fazer com que as pessoas se sintam impotentes diante do espaço que habitam. É preciso recompor uma imagem perdida.

Quanto que hoje choram a perda do Miramar, para citar um exemplo, com a construção do Aterro da Baía Sul, não participavam do discurso ufanista na década de 70, de pôr abaixo tudo o que representava o velho, o antigo, indiscriminadamente? A perda deste lugar parece o trauma de uma referência coletiva apagada do mapa. É a nostalgia de uma imagem perdida, de um momento simbólico significativo da relação da cidade com o mar.

O aterro destruiu o convívio cotidiano com o mar junto à praça e às ruas do centro, antes com suas balaustradas típicas e trapiches, afastando a paisagem da baía e das montanhas para longe. Introduziu-se no cotidiano da vida urbana, como um marco pretensioso da modernização, apagando os vestígios da fase portuária. A persistência desta lembrança na memória dos cidadãos, embora sutil, bloqueia a definição de uma destinação mais significativa e de um uso efetivo a este vazio urbano. Ficou, a nostalgia do mar próximo, evidenciada claramente na tentativa de reconstruir o Miramar como edificação de significado simbólico e evocativo desse fato.<sup>5</sup>

Por outro lado, temos que lidar constantemente com lugares em transição, lugares sendo adaptados às suas novas fun-

<sup>4</sup> ARGAN, G. História da arte. Op.cit., p. 237.

<sup>5</sup> VAZ, N. *O centro histórico de Florianópolis: O espaço público do ritual*. Florianópolis: FCC, Ed. da UFSC, 1991, p. 70.

ções, seja na dimensão de um lote, um bairro ou da própria cidade. É preciso encarar o aspecto dinâmico destas transformações, para não cairmos na visão puramente museística.<sup>6</sup> Relação da paisagem com a memória num processo que se faz a cada instante. A memória possui um caráter de constante movimento, incessante transformação, em que o passado é reconstruído pelo sujeito em seu presente.

Como trabalhar a imagem dos habitantes com as constantes mudanças, imagens perdidas de lugares que não existem mais? Deveria ser uma preocupação constante o problema das modificações na paisagem e o impacto das transformações no usuário, em que referências importantes vão desaparecendo rapidamente. Alguns autores levantam os perigos das modificações bruscas do ambiente físico.<sup>7</sup> Entre os indivíduos que mais sofrem com as transformações provavelmente estão os velhos. Certa vez, ao comentar sobre a sensação de uma implosão de um prédio antigo em São Paulo, uma velhinha respondeu ao repórter: “– É como um pedaço da gente que morre!!” Paisagens que tinham significado especial para eles, normalmente, estão desaparecendo.

No filme *Asas do desejo* de Wim Wenders, a figura de um narrador, que é o último contador de histórias, retorna aos lugares que não mais existem, para rememorar, trazer à lembrança o que antes tinha vida e significado e que, no presente, é um lugar desolado e sem identidade. Na praça, que mais parece um imenso terreno baldio cercado por avenidas, o contador de histórias senta-se sobre uma antiga poltrona – um objeto abandonado, e cochila. Cochilar significa entrar num estado de semi-vigília e é neste estado que fica mais fácil fluírem as sensações, a memória do sonho, a evocação e o devaneio. Justamente aí,

<sup>6</sup> WEISSMANN, M. Notas de palestra. Congresso sobre Cultura Arquitetônica e Urbanística, Porto Alegre, 1992.

<sup>7</sup> LYNCH, K. *A imagem da cidade*. São Paulo, Martins Fontes, 1982, p. 170.

perdido neste lugar sem a antiga identidade ou identidade nenhuma, a não ser a desolação, o trânsito veloz das avenidas e construções anônimas, um anjo o acompanha. Na biblioteca, o contador de estórias revê imagens do que já foi e se pergunta se existe alguma razão para continuar existindo.

Nas cidades, não cansamos de nos deparar com construções que ficam apenas na fachada, esquecidas. Uma casca à espera de ir abaixo: são os cenários em ruínas.<sup>8</sup> Lugares provisórios, efêmeros, fantasmagóricos como nos velhos filmes de faroeste. Os lugares abandonados e desertos – as ruínas estão de certa forma ligadas à prática criminosa, aos atos ilícitos. Encontramos exemplos na literatura, filmes, jornais, histórias em quadrinhos, em que são referenciadas como lugares perigosos, inomináveis. No imaginário coletivo, as ruínas estão ligadas ao lugar do perigo, do obscuro, do medo.

A população geralmente assiste às demolições sumárias. De um dia para outro, ou em poucas semanas, muitas construções antigas são demolidas numa rapidez sensacional. Geralmente se transformam em estacionamentos, outros viram terrenos baldios, e como cidadãos, nos perguntamos, por que tanta pressa? Foi o caso do prédio da Caixa Econômica Federal, em Florianópolis, na Praça XV, em agosto de 1990 – a destruição como espetáculo: uma implosão que durou quatro segundos, mas após vários anos o lugar continua sem ocupação.

Algumas construções deterioradas são até mais perenes, ou quase que *permanentes*. Podemos eleger como protótipo um lugar ao qual estamos acostumados e que seja estranho. É o caso da Ponta do Coral. Lugar que contrasta com o ambiente à sua volta. É onde este lugar pode ser mais anônimo. Um silêncio construído pela desolação, pelo abandono e pela marginalização.

<sup>8</sup> PEIXOTO, N.B. *Cenários em Ruínas*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

A discussão em torno da ponte Hercílio Luz, sobre preservação, reforma, reconstrução, demolição, passa por questões aqui esboçadas. A partir de sua interdição pode ser categorizada enquanto uma ruína, apesar de apresentar características completamente diferenciadas pelo aspecto simbólico de ser uma ponte: lugar de passagem e, ao mesmo tempo, o principal cartão postal da cidade. Atualmente em completo abandono – com exceção da iluminação, corre o risco de desabar. Lugar do silêncio, causado por seu não-uso temporário (e talvez definitivo). Um ambiente isolado no discurso da ordem e do progresso para uma imagem de caos e desolação.